

# Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO V — N.º 216 — Domingo, 28 de Julho de 1957

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e de comércio



Telefone 12

Depositarário nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

AVENÇA

## CONDIÇÕES do Turismo

TURISMO é uma palavra que entrou no vocabulário político de todas as nações e tem, presente, grande prestígio económico e financeiro.

Há um século, viajar era uma empresa de natureza privada. Ninguém entenderia propaganda oficial para atrair visitantes a um país, salvo, naturalmente, por ocasiões especiais: as grandes exposições universais, casamentos ou corações reais e outros acontecimentos célebres.

O turismo organizado, com a sua máquina oficial montada, com burocracia e

orçamento, com agências e estatísticas, é uma invenção deste século. As correntes turísticas «espontâneas» resultam, por vezes, de propagandas gigantescas. Mas há ainda as correntes turísticas dirigidas, preparadas

por J. DE AYALA MONTEIRO

por agências que exploram a indústria do turismo e incitam os seus clientes a visitarem determinados países em certas épocas do ano, ou por instituições oficiais, que os Governos mantêm em países estrangeiros para captarem as atenções dos possíveis viajantes, encaminhando-os no sentido conveniente.

Todos os países sabem hoje a enorme importância do turismo e conhecem a valiosa contribuição dos visitantes estrangeiros para o desenvolvimento de certas indústrias e actividades e, ainda, para a importação de divisas. Por experiência sabemos nós, em Portugal, que o turismo representa posição de relevo entre os invisíveis que benéficamente influem na nossa balança económica.

Porque assim é, tem o Estado desenvolvido uma acção persistente para colocar o nosso País à altura de merecer a atenção do estrangeiro. Em matéria de caminhos de ferro, de estradas, de hotéis é incontável que temos progredido muito nos últimos anos. A série de medidas promulgadas sobre crédito hoteleiro

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## VILA NOVA DE CACELA e as suas legítimas e justas aspirações

Por A. DE MENDONÇA

VILA Nova de Cacela é uma vila laboriosa e pacata, de habitantes amigos da sua terra e com um forte desejo de a verem prosperar. Para que tal progresso comece a ter as devidas proporções, são necessárias urgentes beneficiações, que muito virão contribuir não só para a economia da região como, também, para fomentar o turismo local.

Uma das justas aspirações, por que os habitantes desta simpática localidade pugnam há muitos anos, é a construção do Mercado Municipal, para substituir o acahñado mercado actual.

Tal benefício, que muito valorizará a vila, parece, porém, estar

em vias de facto, porquanto, nos últimos tempos, várias entidades, acompanhadas de um arquitecto, têm estudado o terreno e o estilo de construção que melhor se adaptaria à topografia e aos costumes da região.

Segundo sabemos, o projecto está a cargo do distinto arquitecto sr. Gomes da Costa e o citado mercado será construído na propriedade do sr. José Henrique Gomes, junto à estrada que vai da Venda Nova à estação do Caminho de Ferro.

Esta estrada, que ligará a vila com o mercado, com a estação, com a estrada nacional e com a Moagem Cacelense, é uma das vias de maior utilidade para o comércio e para a indústria e, também, para o acesso às hortas próximas. A urgente reparação desta via é mais uma justificada aspiração, pela qual os cacelenses há muitos anos lutam sem verem resolvido tão grande problema. A estrada em referência encontra-se no maior abandono.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## Conta Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

### Oferta

A ti pequena amiga que assinaste [Zita]

a ti que não conheço (e não mereço talvez)

a ti que me vês «como um raminho de alecrim onde uma águia pousasse»... (coro — de orgulho? de pudor? — ao ler a tua ingénua frase...)

a ti que me pediste «uns versos miosótis» aqui os tens. São teus. Singelos dá-lhes de par em par o coração.

Que de desertos! Que de incerto mar atravessaram

com o sonho de pousar na tua [mão.]

### Na manhã seguinte

Hora a hora em que perco a vida enraíza-se em mim a sensação de que não resta no jardim florida uma rosa depois do furacão.

Mas na manhã seguinte manhã aberta como uma romã sorrindo...

Mas na manhã seguinte vendo a mão que o cansaço amouchou no regaço tremo

do encanto e da surpresa de ver que aves esvoaçam e a trespassam e tecem uma flor em cada dedo uma flor a paz e a perfume.

Tremo, Senhor!, que misterioso laço à vida me [une!]

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

## UM SONETO ESPANHOL NO ALTO MAR

III

AGENTE nova, espicaçada pelo frémito da aventura, é conduzida a praticar heroismos e maldades sem conta.

A volta dos dezassete anos entrou a povoar-me a mente o desejo de conhecer terras estranhas, outras gentes, usos e costumes diferentes.

Meia dúzia de rapazes entre os dezasseis e vinte e dois anos, seguiram de Olhão para Cabinda, tendo como íntimo fanal ganhar a vida pelo trabalho no comércio.

A bordo, como passageiras, seguiam também três senhoras, sendo uma solteira e duas casadas. Qualquer das três possuía um palminho de cara tentador.

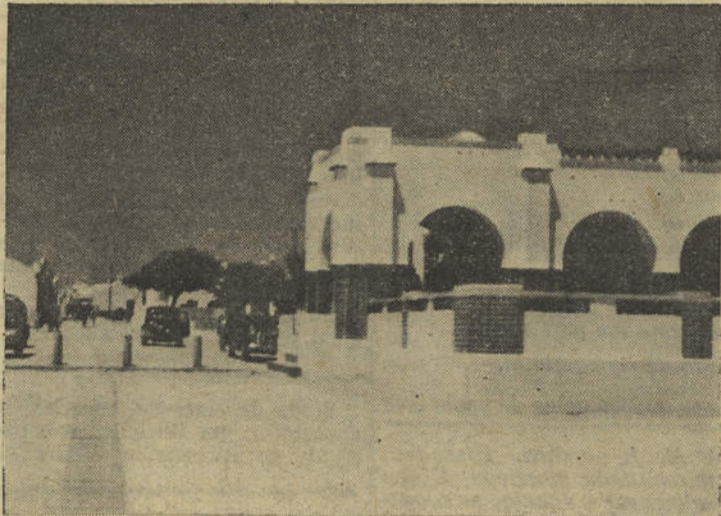
Os primeiros dias passaram bem: ótima comida, temperatura amena e vento em popa. Ao pairarmos próximo da Serra Leoa o mau tempo veio ao nosso encontro, com trovoadas, aguaceiros

FOR MARGOS ALGARVE

ros e vento contrário. Os homens e as mulheres no mar, perante os temporais, é que manifestam a coragem ou o medo.

Em uma noite de tormenta, agitada no espaço por trovões e relâmpagos, uma das senhoras veio cair-me nos braços a soluçar e a pedir, em voz alta, a promissão de que eu a levaria para casa.

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)



CASINO DA PRAIA DA MANTA ROTA

## CONVERSA AMENA

Por N. RODRIGUES PENA

QUE o pensamento do homem está condicionado pelo tempo em que vive é uma verdade aceite unanimemente, uma dessas verdades incontrovertidas. Todos os nossos conceitos, juízos e raciocínios dependem do quadro onde nos movemos, do grau de conhecimentos de cada época; todo o pensamento se

prende às raízes da vida real. Pois muito bem, através duma habilidade, podemos adulterar a veracidade dessa observação e aproveitá-la como uma arma contra o progresso, uma justificação para um conformismo que leva a aceitar cegamente tudo o que existe e se recusa a pressupor que a realidade está sujeita a constantes modificações.

Um dia, Hegel proclamou que tudo o que é real é racional. Esta descoberta foi um verdadeiro achado para todos os matizes do reaccionarismo. Ora, como tudo o que existe é real, a conclusão de que existe é racional.

Este amigo, de que vos vou falar, é uma pessoa de bom senso, um indivíduo com um sentido agudo das coisas práticas. Sem ler W. James é o mais pragmático dos cidadãos. Ora, sabe-se que o bom senso nem sempre é aconselhável nes-

### ESTRADA da Praia de Sto. António

Foi levada a concurso na última reunião da Câmara Municipal a construção da estrada de ligação da Praia de Sto. António com a estrada camarária que liga Vila Real a Monte Gordo.

A construção da citada obra, de grande interesse local, foi adjudicada ao sr. José Martins Cordeiro, empreiteiro em Olhão, pela quantia de 74.000\$00.

### CASTRO MARIM esteve 14 horas sem água

De vários assinantes em Castro Marim, uns por carta, outros verbalmente, temos recebido informações de que aquela vila esteve nos dias 22 para 23 do corrente privada de água para consumo público, durante 14 horas consecutivas, o que causou vários prejuízos e transtornos a todo o comércio e à população.

O caso teve a sua origem na rutura de um cano condutor, mas não faz sentido que levasse 14 horas a reparar.

Igualmente nos informam que a rua Dr. António de Oliveira Salazar se encontra há meses sem iluminação pública, pelo que se pedem providências.

De vez em quando...

## ALGUMA COISA NOS FALTA

Pelo Prof. TRINDADE E LIMA

PORTO Salvo fica a três quilómetros para o interior de Oeiras. Lá fui destacado dois dias.

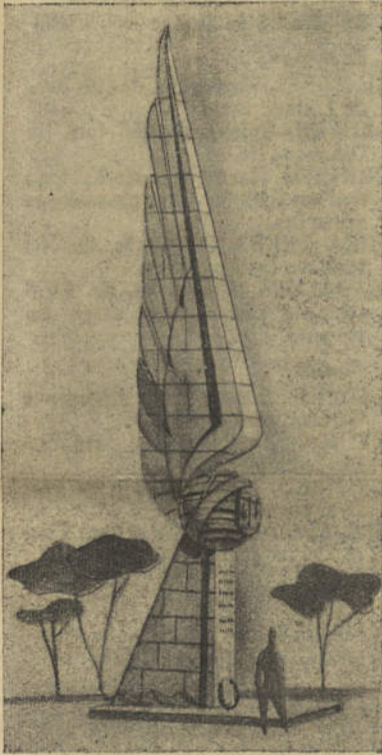
Manhã cedo, ares lavados, mar ao fundo e campos largos em frente, ia caminhando e observando. Algumas fábricas ficam a pequena distância da estrada e terras de laboura que me faziam lembrar algumas do meu concelho. Arvoredo escasso e exploração de pedreiras.

A maioria da população vive disto: da agricultura e da extracção da pedra. No rosário de contos que me passaram pelas mãos lá encontrei uma do Baixo Alentejo. De terras de Almodovar o pai fora para ali agenciar a vida, empregando-se no arranco da pedra.

Quando assomei à escola despertou-me a atenção um edifício de certa imponência que a ela se encosta e que ostenta na fachada o título de Sociedade de... todo circundado por um parque com árvores, bancos e coreto para música.

O edifício escolar, que atende às necessidades locais, é um primeiro andar com uma ampla sala de aula bem iluminada, vestíbulo, refeitório, dois gabinetes para o professor e em baixo, no rés-do-chão, uma bela residência para moradia do mestre, ainda com um pequeno quintal

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)



Esboço de um ante-projecto para um monumento aos aviadores portugueses, da autoria do artista Mário Costa

## TEMOS UMA DÍVIDA A PAGAR

HÁ DIAS, o distinto jornalista Mário Rosa chamava a atenção, e muito bem, para uma dívida sagrada que temos em aberto: a de perpetuar na pedra e no bronze os feitos heróicos dos nossos aviadores, e lembrava essas horas gloriosas que Portugal viveu e urge não deixar esquecer. E o subchefe da redacção do «Diário Popular»

escrevia assim:

«Erguer o monumento que consagre a 1.ª Travessia Aérea do Atlântico Sul — feito impar nos anais da aviação — e que, pela sua expressão e projecção fixe também, no mármore ou no bronze, os principais «raids» dos nossos valorosos pilotos. A 1.ª Travessia do Atlântico Sul, por Sacadura Cabral e Gago Coutinho; a segunda, que foi a primeira nocturna, levada a cabo por Sarmiento de Beires, Jorge de Castilho e Manuel Gouveia; os «raids» a Macau, por Brito Pais, Sarmiento de Beires e Manuel Gouveia; a Guiné, por Sérgio da Silva, Pinheiro Correia e Manuel António; a S. Tomé, Angola e Moçambique, por Pais Ramos, Oliveira Viegas, Esteves e Manuel António; à Índia, por Moreira Cardoso e Sarmiento Pimentel; a Bolama e volta, por Costa Macedo e Saraiva Santos; a Angola e volta, por Humberto da Cruz e Carlos Bleck; à Índia, por Carlos Bleck; a Timor, por Humberto da

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

## RADIORRASTREIO

Chamamos a atenção do público em geral, residente no concelho, para o horário e locais onde funcionarão, a partir de hoje, os serviços oficiais de Radiorastreo, dada a manifesta importância que os mesmos representam para a população que deles se deve utilizar. Informamos igualmente que ninguém tem necessidade de despir-se, não devendo, no entanto, os interessados ser portadores de medalhas, fios, botões, etc., no peito.

Em Vila Real de Santo António este serviço funcionará nos dias 28, 29, 30, 31 do corrente, e 1, 2 e 3 de Agosto. Todos os dias o carro dos Serviços estará das 18 às 22 horas na Praça Marquês de Pombal; nos dias 28 e 29 no Dispensário e, nos restantes, frente à Subdelegação de Saúde.

Os Serviços de Radiorastreo estarão presentes em Monte Gordo no dia 4 de Agosto, e em Vila Nova de Cacela nos dias 5 e 6 de Agosto.

## Notícias PESSOAIS

### Partidas e Chegadas

Vindo de Lisboa, encontra-se em Tavira o nosso prezado assinante sr. António P. de Brito Aboim Villa Lobos.

Encontra-se em Lisboa, há já alguns dias, o nosso prezado amigo e assinante sr. dr. Alonso Vasques.

A passar as férias, encontra-se em Ayamonte o nosso prezado assinante sr. D. Joaquim Gonçalez Saenz, residente em Sevilha.

Em viagem de negócios, encontra-se em Lisboa o nosso prezado assinante sr. António Guerreiro Rita.

Em viagem de recreio, seguiu para o norte do país o nosso prezado amigo e assinante sr. André Simões, acompanhado de sua esposa.

Encontra-se em casa de seu avô o nosso prezado amigo e assinante sr. José Pedro do Nascimento Delgado.

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa Redacção o nosso prezado assinante sr. Manuel Pereira Cavaco, residente na Foz, Odeleite.

Acompanhado de sua esposa, encontra-se nesta vila, a passar as férias, o nosso prezado assinante sr. João Lucio da Silva Negrão, residente em Lisboa.

Encontra-se nesta vila o nosso prezado amigo e assinante sr. Gilberto Gomes Lares.

Encontra-se em Ponte de Sor o nosso prezado amigo e assinante sr. Lino Ricardo Correia, gerente do Banco N. Ultramarino nesta vila.

A passar as férias, encontra-se em Albufeira, acompanhado de sua família, o nosso prezado assinante sr. Gervásio Santos.

Acompanhado de sua esposa, esteve nesta vila, em gozo de licença, o nosso prezado amigo sr. João Gonçalves Conceição, chefe da estação do C. F. em Tunes.

Depois de ter concluído o 7.º ano, encontra-se nesta vila o sr. Augusto Jesus Melo Correia, filho do sr. Augusto Melo Correia, 1.º cabo da Guarda Fiscal.

A passar as férias, encontra-se na Praia de Monte Gordo, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado amigo e assinante sr. José Santana.

Vindo da Base Aérea da Ota, encontra-se nesta vila, a passar as férias, o nosso estimado amigo sr. José António Palermo.

### QUEM PERDEU?

Encontra-se depositado no posto da P. S. P., desta vila, um elevador de vidros de automóvel, que será entregue a quem provar pertencer-lhe.

### JOSÉ CANDIDO MONTEIRO

SOLICITADOR-PROVISIONÁRIO

Com nomeação definitiva nesta Comarca

RESIDÊNCIA

RUA JOÃO DE DEUS

TELEFONE 20

GASTRO MARIM

Permanece nesta vila, no edifício do Tribunal Judicial ou na Agência Comercial e Marítima do Sul, na Rua de Aveiro, n.º 1 — Telefone n.º 76, todos os dias úteis das 10,30 às 12,30 e das 14 às 17 horas, excepto à quarta-feira e ao sábado, que só ali permanece até às 13 horas, a fim de atender no escritório da sua residência em Castro Marim, das 15 às 18 horas, o público que careça de serviços no Tribunal Judicial e Repartições Públicas, desta comarca.

### SOLICITADORIA ILEGAL

Praticam aqueles que alegam que, pelos serviços prestados, não cobram honorários, ficando incursos no § 2.º do art. 236.º do Cód. Penal — (Ac. do Tribunal da Relação de Coimbra de 27-1-1953, pub. no Bol. do M.º da Just. n.º 38-105-1953.

Vila Real de Santo António, 28 de Junho de 1957.

O Solicitador  
José Candido Monteiro

## CONTA GOTAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

### Uma questão de princípios

O pão difícil, agre... Mas nos caminhos ignotos pior é comer o pão com lágrimas [mas se as lágrimas são dos outros.

### Vento Fellz

Mansa cor na flor dança  
Vento olha-a e lento colhe-a.  
Voa traz a boa paz.  
Vendo-o manso aprendo...  
Canto.

### Domingo de manhã

Domingo.  
O comboio dei-xou um instante só de cruzar seu milhão de toneladas sobre o pescoço fino.

Domingo.  
Perspectiva de ar livre...  
Uma sombra...  
Uma vela...  
O canto já esquecido de uma avezinha fútil...

Domingo...  
A esperança do povo que teima em não morrer...  
Gosto de ti, domingo.

Coisas que um golpe de vento leva

A M. J. namora. Disse-me, com os olhos mortifcos. E que me chegasse à janela, se o quisesse ver. Heim? Que tal era? Que tal o achava?

— Bem, M. J., não te demores, não o faças esperar.  
— Ora, já está habituado, quem se sujeita a amar, sujeita-se a padecer.

— Mas não gostavas que ele te fizesse o mesmo!

— Ele que experimentasse! Invade-me uma profunda sensação de desgosto. Dou por mim encerrada num pesadelo, fazendo esforços inauditos para me libertar dele. E' como se visse alguém, uma criança, a brincar com um punhal e não lho pudesse arrancar das mãos.

A M. J. tem vinte e sete anos. Ambiciosa, chegou a namorar um médico. Enchia a boca, com as amigas, que mais isto e mais aquilo, que ia montar consultório e depois casavam, que tinha fortuna pessoal, dentro de pouco tempo comprariam um automóvel, ele até já queria obrigá-la a aprender a guiar... Depois dessa primeira ilusão, sete longos anos decorreram. Numa reunião familiar conheceu o A., empregado de escritório, um e quinhentos por mês. Aceitou.

— Se soubesse as judiarias que lhe faço! E o pobre está por tudo...

Gostava de poder explicar-lhe porque está ele por tudo, gostava de poder dizer-lhe que grande, maravilhosa riqueza, tem nas mãos desprevenidas. Que os cursos e os automóveis e as situações interessam pouco, nada disso é fundamental. Um golpe de vento leva tudo...

Um dia lho direi. Agora sinto que é inútil. A M. J. não desistirá de fazer pagar caro ao A. o crime de não ter dinheiro, nem cursos superiores, nem automóvel. Sim, agora é inútil. A alma de M. J. está ainda perdida no deserto.

Maria Manuela Nunes

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o País.

VAI CASAR UMA SUA AMIGA?  
NÃO SABE O QUE LHE OFERECER?  
VISITE A

MERCEARIA NOVA

JOSÉ BENTO DE SOUSA E FILHO

onde encontrará os mais bonitos brindes em

VIDROS E LOUÇAS

das melhores qualidades, não pagando luxo.

Rua Barão Rio Zézere, 19 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## PROVINCIA

### ODELEITE

#### Animais em liberdade

Diz o povo que o hábito faz lei, mas ao que nos vamos referir não dá certo, porque a lei faz o hábito: Costumam nesta época os proprietários prenderem os seus animais e respectivas crias, de noite, a céu aberto.

Todas as crias de raça muar, com mais de 2 meses de idade, fazem mais dano que as próprias mães fariam se ficassem em liberdade.

Os donos procuram sempre boas qualidades às suas «mulinhas», sendo a de vizinho a culpada; mas o que é um facto concreto é que todas passam boa parte da noite e do dia em correrias loucas.

Fracionada como está a propriedade rústica, causam sérios danos nas plantações dos vizinhos.

Em todo o período da mama, as crias estão a coberto de multas, e daí o à-vontade dos donos, que, se fosse aumentado um parágrafo ao código, as poderiam prender, como fazem em muitos lugares.

Um animal com 6 meses de idade, gordo, lustroso e crescido, oscila entre 20 a 40 «notas», e aí é que está... a grande base.

Quem ainda não cavalgou animais de raça cavalar não sabe apreciar o que se sente quando se monta esse nobre animal, com a cria à ilharga, olhando o semelhante num plano inferior que, quantas vezes, montado num gerico, com as orelhas imitando asas, não se pode individualizar, porque o animal não lhe empresta a nobreza, mas conscienciosamente diz: Tolo, se não fosse montado eras mais burro que um burro.

Há excepções, claro, mas, regra geral, a vaidade supera a modéstia.

#### Notícia pessoal

Vinda de Marrocos, onde reside, encontra-se em Odeleite, acompanhada de seu marido e filhos, a

### FALECIMENTO

D. LUCIANA PIRES VIEIRA CORDEIRO

No passado dia 25, faleceu, na sua residência em Lisboa, rua de Entre Campos, 48-5.º esq., a sr.ª D. Luciana Pires Vieira Cordeiro, de 69 anos, proprietária, natural de Vila Real de Santo António.

A saudosa extinta, que disfrutava nesta vila do maior respeito e gerais simpatias, pelos seus dotes de bondade e primorosa educação era viúva do industrial sr. Rafael Rodrigues Cordeiro e mãe dos nossos prezados amigos srs. engenheiro Orlando Vieira Rodrigues, funcionário do ministério das Obras Públicas, e José Luciano Vieira Rodrigues, farmacêutico, ambos residentes na capital.

Era, também, irmã das srs.ª D. Clotilde Pires Vieira Carmo e D. Maria Felicidade Pires Vieira, e tia do sr. José Graciliano Vieira Carmo, casado com a sr.ª D. Isabel Ramirez Carmo, D. Mercedes de Almeida Vieira Ferro, casada com o sr. Francisco Pedro Ferro Jr., D. Gabriela Vieira Xavier, casada com o sr. Valentim Xavier, que durante muitos anos foi presidente da Câmara Municipal de Olhão, José António Vieira Jr., comerciante, ausente no Brasil, D. Maria Josefa Vieira Rodrigues Prazeres, casada com o sr. dr. Reinaldo Raúl Prazeres, médico nesta vila, e Sebastião Vasques Rodrigues, gerente da filial de Olhão da Litografia Ramirez, Perez, Cumbreira & C.ª, desta vila, casado com a sr.ª D. Maria Eduarda Guerreiro Rodrigues.

Era, ainda, cunhada do sr. Jacinto Rodrigues Cordeiro, proprietário nesta vila, casado com a sr.ª D. Catalina Vasquez Rodrigues.

O féretro veio para esta vila, no dia 24, em auto fúnebre, ficando depositado em jazigo de família, no cemitério local.

A toda a família enlutada, e em especial aos nossos amigos srs. eng.º Orlando V. Rodrigues e José Luciano V. Rodrigues, apresentamos sentidas condolências.

nossa prezada conterrânea sr.ª D. Leonor Ferreira.

#### Francisco Rita Peres

Em sufrágio de sua alma, foi rezada missa no pretérito domingo, a que assistiu um apreciável número de fiéis.

#### Melhoramentos

Foi concedida uma pequena verba para conserto do posto junto a esta localidade.

Não sabemos se o trabalho será extensivo ao arranque do «garrancho» que vegeta dentro do leito da ribeira, que origina a acumulação de lodo a juzante do referido posto, obstando à livre corrente das águas. — C.

### TAVIRA

#### Casas para pobres

Para resolver o problema das casas para pobres foi criado, na Câmara de Aveiro, o pelouro de habitação. Muito se tem falado em Tavira em bairros para pobres, mas a solução de tal necessidade não passou ainda de afirmações e promessas, que até hoje não se concretizaram. Todas as terras que sofrem desse problema mais ou menos o resolvem, e não vemos em Tavira que se disponha a encetar as providências adequadas.

#### Partidas e chegadas

Com sua esposa, filha, genro e netos, já se encontra em Monte Gordo o nosso prezado amigo sr. tenente Francisco Solésio Padinha, digníssimo Administrador do Concelho de Tavira.

#### Pesca

Nestes últimos dias, tem havido muita abundância de cavalas, chegando este peixe a ser vendido a 2\$50 a dúzia, para o público. As fábricas de conservas locais, em face da abundância, têm comprado na lota à razão de \$30 cada quilo, o que vem baratear o artigo na sua fabricação. Pouco atum tem aparecido, mas em compensação, tem havido igualmente muito pargo, que se tem vendido no mercado a 7\$00 o quilo, quando poderia ser vendido mais barato.

#### Casas mistas

Comunicam de Amsterdão que cerca de 6 000 lojistas holandeses, que vendem produtos têxteis, começaram também a vender café nos seus estabelecimentos, como represália aos merceiros que fornecem agora artigos têxteis como brindes aos seus clientes. Os vendedores a retalho de produtos têxteis, que estão a vender o café a preço mais barato do que os merceiros, anunciaram que suspenderão esse comércio quando os merceiros deixarem de oferecer produtos têxteis. Pois aqui em Tavira temos mais e melhor: Temos casas de produtos agrícolas que vendem brinquedos, drogas, produtos químicos, perfumes e plásticos. Temos fotografias que vendem produtos têxteis, brinquedos, rádios, películas e tiram retratos. Temos mercearias que vendem louça de esmalte, fogões, louças, vidros, tintas, drogas e produtos químicos e temos, finalmente, drograrias que vendem tabacos, papelerias, rádios, brinquedos e fogos de artifício, etc. etc. Bom trabalho para os informadores fiscais a fim de os colectarem com tanta diversidade de artigos... — C.

### Novos assinantes

E' com todo o prazer que cada vez mais, registamos os nomes de novos assinantes, enviados por amigos dedicados do «Notícias do Algarve».

Pelo sr. Avelino Vicente: sr. José Jorge de Freitas; pelo sr. Manuel Serafim Dias: srs. Alfredo Mestre Colaço e José Luis.

A todos agradecemos reconhecidamente.

### Rua Cândido dos Reis

Pedem-nos alguns assinantes, para recordarmos ao sr. zelador municipal, para passar pela Rua Cândido dos Reis, onde existem vários armazéns de tomate, donde exala cheiro pestilento, naturalmente devido ao apodrecimento do mesmo fruto.

Assinal e propagai «Notícias do Algarve»

## JARDIM ZOOLOGICO DE LISBOA

Chegou a época em que se intensificam, vindas do País inteiro, as visitas a Lisboa. Quer dizer, é o momento de todos visitarem também o Jardim Zoológico, que, como é Lisboa, constituiu uma das maiores atrações da capital. O Zoo de Lisboa é, de resto, sem favor, o mais belo da Europa.

Algumas instalações são um verdadeiro assombro. Entre estas, figuram, em primeira linha — o Jardim Zoológico dos Pequenos, com as suas trinta atrações; o novo e espectacular Solar dos Leões, com a sua dúzia e meia de exemplares em liberdade aparente; a Casa do Brasil, com um milheiro de aves, entre as mais belas da fauna brasileira; o Palácio das feras, com leões, tigres leopardos, hienas e outros bichos de grande categoria; a famosa Aldeia dos Macacos, rival do Ginásio e da tenda, onde a apresentação jocosa dos símios faz igualmente as delicias do público; a casa das girafas, com os seus três e inverosímeis exemplares em deambulações permanentes; os soberbos aviários; o movimentado lago das focas; o hotel e o cemitério dos cães e o canil das raças portuguesas; as instalações de rinocerontes e hipopotamos; os seus cinco elefantes, ora em passeio, ora nos seus amplos recintos; e a esplanada e a ilha dos ursos, etc, etc.

A par de todas maravilhas, o encanto do parque das Laranjeiras e dos jardins Farrobo, o grande Rosal de Lisboa, o lago das Hortênsias, os mil recantos, onde as sombras fagueiras se aliam aos azulejos antigos, e onde Raul Lino dá mostras exuberantes do seu talento e do seu gosto.

O restaurante da Mata abriga aos domingos meia população de Lisboa. O restaurante do Lago todos os dias oferece os primores dos seus chás e uma situação de privilegiada beleza.

Em resumo, o Jardim Zoológico de Lisboa é um verdadeiro paraíso. Quem o viu mais o esquece. E quem vem a Lisboa não pode deixar de o ver, sob pena de perder uma das mais atraentes seduções e encantos da Capital.

Em resumo, o Jardim Zoológico de Lisboa é um verdadeiro paraíso. Quem o viu mais o esquece. E quem vem a Lisboa não pode deixar de o ver, sob pena de perder uma das mais atraentes seduções e encantos da Capital.

Em resumo, o Jardim Zoológico de Lisboa é um verdadeiro paraíso. Quem o viu mais o esquece. E quem vem a Lisboa não pode deixar de o ver, sob pena de perder uma das mais atraentes seduções e encantos da Capital.

Em resumo, o Jardim Zoológico de Lisboa é um verdadeiro paraíso. Quem o viu mais o esquece. E quem vem a Lisboa não pode deixar de o ver, sob pena de perder uma das mais atraentes seduções e encantos da Capital.

### NÃO HESITE

Para os seus trabalhos tipográficos ou carimbos

PREFIRA A

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS

Telefone 59 Apartado 3

Vila Real de Santo António

### Enviada MARIA DA ENCARNAÇÃO

com motor VOLUND de 80 H. P.

VENDE-SE

por motivo de partilhas. Trata com:

LUCIANO CATIVO — OLHAO

## Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do

Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António De 20 a 26 de Julho:

### TRAINEIRAS

Aldita	170.040\$00
Maria Rosa	123.940\$00
Agadão	96.470\$00
Brisa	93.606\$00
Raulito	87.460\$00
Malaca	78.480\$00
Audaz	74.760\$00
Lenita	73.120\$00
Janita	68.980\$00
Sul	64.590\$00
Mogador	64.390\$00
Flor do Sul	50.545\$00
Pérola do Guadiana	49.164\$00
Lagoa Azul	33.676\$00
Levante	30.830\$00
Rajada	30.300\$00
Triunfante	28.500\$00
Infante	26.960\$00
Flor do Guadiana	10.965\$00
Liberta	9.675\$00
Conceicanita	6.660\$00
Norte	6.070\$00
Tozé	5.960\$00
Ramira	4.400\$00
Total	1.289.630\$00

### CERCOS

Lívio	95.850\$00
Novo Machado	20.550\$00
Amazona	1.632\$00
Total	118.032\$00

### Atum da Costa Algarvia

478 Atuns	394.500\$00
97 Atuarros	47.183\$30
30 Albacora	11.140\$00
5 Cachorretas	1.350\$00
Total	454.173\$30

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 20 a 26 de Julho:

### Entradas:

ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.  
LAUPEN, Suisso, de 468 ton., de Olhão, vazio.  
PRIMERO, Marroquino, de 403 ton., de Port Lyautey, com pessoal das armações.  
MIRA TERRA, Português, de 562 ton., de Lisboa, vazio.  
MADALENA, Português, de 1.198 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.

### Saídas:

LAUPEN, Suisso, para Livorno e Génova, com conservas.  
ZÉ MANEL, Português, para Lisboa, com minério.  
PRIMERO, Marroquino, para Port Lyautey, vazio.  
MADALENA, Português, para Ponta Delgada, com sal.  
MIRA TERRA, Português, para Lisboa, com minério

### FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 27 de Julho a 1 de Agosto, a Farmácia SILVA, Rua Miguel Bombarda — Telefone 64.

### RAFAEL ALMEIDA SANTOS

RUA DIOGO CÃO, 20 - ÉVORA  
TRATA DE TODA A DOCUMENTAÇÃO PARA AUTOMÓVEIS, EXAMES E TROCA DE CARTAS MILITARES. INFORMAÇÕES GRATUITAS A AGÊNCIA MAIS CONHECIDA NO SUL DO PAÍS.

### PRECISAM-SE

Costureiras e Aprendizazas

DIRIGIR A:

D. Julieta Castanheira

Rua Jacinto José de Andrade

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Um soneto espanhol

# NO ALTO MAR

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

teccão divina de Santa Bárbara e S. Jerónimo.

Amparei-a com humanidade e respeito, assentando-a a meu lado e animando-a carinhosamente. Eu nada tinha de divino, mas a força do destino fez de mim um pára-raios ou um S. Jerónimo de via reduzida...

O pior de tudo, porém, foi a má língua posta na boca das outras duas senhoras e dos próprios amigos e companheiros de viagem.

Debalde tentei justificar o gesto da pobre senhora, inquieta e nervosa, sob a electricidade da atmosfera e um imprevisto ataque de histerismo.

Nada os convenciu dos meus argumentos sinceros, da minha probidade e do meu comportamento perante eles.

Era um contínuo dardejar de ditos equívocos e de insinuações malévolas.

— Fogos de S. João! — dizia-me um.

— Amores à flor das ondas! — dizia-me outro.

— O marido está longe e tu estás perto! — afirmava outro mais atrevido.

E eu, absolutamente inocente, resignei-me a esperar que o mau tempo se modificasse e os sustos da jovem senhora chegassem ao seu termo.

O primeiro achado do José Tomás deu-me alegria, riso e ironia; o segundo achado, porém, causava-me tédio, aborrecimento e tristeza.

Contudo, a nossa vida íntima, amorosa e social decorre em um plano inclinado, que tanto nos pode conferir a felicidade como a desgraça. A sorte é comparada a uma cautela da Santa Casa da Misericórdia...

A D. Beatriz alimentava por mim uma affectuosa estima, originada nas tardes vespertinas sem sobressaltos, sem melancolias nem agouros. Lia às três senhoras, na minha voz sentimental, romances, poesias, contos e viagens escolhidas. E elas, embaladas pelas distrações que eu lhes oferecia, sympathizavam comigo. Demais, as três é que vieram ao meu encontro, suplicando algumas leituras amenas e instrutivas. Eu atendi o seu pedido.

O que estava facilmente indicado é que a senhora solteira se enamorasse de mim, ou eu de ela.

Todavia, a casada, com a sua febril exaltação, é que corria para mim, é que me caía nos braços com os seus espasmos nocturnos.

Se não laboro em erro, foi o Erico Veríssimo que designou por *caminhos cruzados* estes mórbidos estados de alma.

Nos mares da Guiné, à saída de Fernando Pó, um tufão varreu o pequeno navio, arrebatao mastros, vergas, panos e cordame.

Noite horrível, a morte a lamber todos, os tubarões de guelas escancaradas, os archotes iluminavam o dramático painel e as senhoras gritavam pela Nossa Senhora do Rosário!

No outro dia, logo de manhã, estávamos todos a pé, prontos para a vida ou para a morte...

Beatriz, desolada, correu para mim a solicitar o meu auxílio. Amparei-a e incuti-lhe coragem.

— Que fazer neste mar povoado de tubarões e baleias?... — ciciou-me ela com as lágrimas a saltarem dos olhos.

— Esperança, fé e caridade! — respondi eu, apertando-lhe a mão amiga.

Caminho direito ao piloto André do O, conterrâneo e amigo, para me fornecer a longitude e a latitude do nosso berço à deriva...

A chalupa «Florinda», sacudida pelas vagas alterosas, converteu-se positivamente em um frágil berço de criança.

Com as suas mãos trémulas, o piloto trouxe o livro das derrotas e eu tirei os apontamentos necessários.

Minutos depois, meti esses apontamentos em uma garrafa bem rolhada e lacrada, lançando-a pela borda a fora.

Saudaram todos a minha ideia com uma vibrante salva de palmas. Considerei-me nessa altura um pequeno Dante com a sua Beatriz ao lado...

A sua dedicação, porém, apenas teve um epílogo fraternal, terno e decente. Nada houve de pecaminoso entre mim e ela.

Uma afeição, longe do amor carnal, tem o seu quê de honesto e sublime.

O poeta Xavier Cordeiro comentou desta maneira o amor espiritual de Petrarca:

Vinte anos amou Petrarca  
Laura de Nemis, bem sei;  
Petrarcas são excepções,  
Excepções não fazem lei.

Duas semanas de fomes, sedes e calores deram-nos horas terríveis e a sensação dolorosa do inferno dantesco. Mas o Francisco, um preto de Cabinda, que

permanecia dia e noite no castelo da proa, soltou certa manhã luminosa este grito redentor:

— Terra à vista!  
Essa nesga do Congo Francês produziu em nós todos uma alevia de ressurgimento e emancipação!...

Nessas duas dramáticas semanas o meu espírito foi boiando ao sabor da imaginação e da memória para atenuar o meu calvário interior e exterior.

Evocava os dias passados em Olhão, os passeios à horta do «Brejo», um baile na eira oferecido pelo Joãozinho Lúcio — um menino de 15 anos mas já com fumaças de homem e de poeta — e um desafio de cantares em um mastro da rua Nova do Levante, entre o António Vinhas e o Carlos Fuzeta.

O começo deste torneio foi este:

Coração que dois adora  
Que firmeza pode ter?  
Só se for coração de homem,  
De mulher não pode ser!

Mal o Vinhas desfechou nos ouvidos castos das raparigas que bailavam à roda do mastro esta quadra popular, o Fuzeta contestou logo nestes termos:

Coração que dois adora,  
Que firmeza pode ter?  
Só se for o de mulher,  
Que de homem não pode ser!

E o torneio poético manteve-se pela noite fora, sem desfalecimento de parte a parte, apesar da gramática e da metrificacão sofrerem torturas sem conta, peso ou medida...

Eu ia assim, no alo mar, atenuando o drama que rugia debaixo dos nossos pés.

E em Olhão, o Vinhas, ajudante do velho Alves, notário, garantia notas de solfejo amoroso a algumas meninas casadoiras do seu tempo; e o Fuzeta, em Coimbra, iniciava o primeiro ano de Direito ao lado dos poetas Augusto Gil, Fausto Guedes, Vilela Passos, Gonçalves Cerejeira e outros que já lá vão a bordo da caravela da Morte...

Criança ainda, cedo atravessei o Oceano por duas vezes a caminho de S. Martinho do Porto para casa de um tio abastado que ali vivia.

Tudo isto — lembranças esfumadas — amenizava a minha vida errante no Continente Negro, à procura de terra firme.

Outras vezes acudia-me ao pensamento o grupo heterogéneo que animava as colunas de «O Futuro», de Olhão: Ataíde de Oliveira, Carlos Fuzeta, João Capuz, Miguel Aires, Cândido Guerreiro, Maria Veleda. Eu e Bernardo de Passos eram os dois colaboradores mais novos, o primeiro contando 18 anos e o segundo 17.

A saudade da minha terra e dos amigos que ali deixara, mitigava-me a trágica situação dessas horas de perigo.

O próprio Gustavo Cabrita, com o seu ateísmo concentrado no cérebro, me aliviava do terrível pesadelo ao evocá-lo a saudar a missa nova de qualquer padre amigo. Era ele o director do «Futuro», sempre pronto a assistir aos jantares festivos como um talher de primeira ordem...

Marcos Algarve

**TEMOS UMA DÍVIDA A PAGAR**  
(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Cruz e Gonçalves Lobato; a Angola e Moçambique e volta, por Pinho da Cunha, Moreira Cardoso e Joaquim Baltazar — para só citarmos os de maior repercussão, constituem «palmarés» brilhante, símbolo de uma época de audácia em que os nossos aviadores parecem ter sido fadados para escrever as estrofes de uma nova epopeia: «por ares nunca dantes navegados».

Teve o sr. General Craiveiro Lopes oportunidade, decerto particularmente emocional para a sua formação aeronáutica, de inaugurar, há tempos, em Petrópolis, o monumento que consagra no Brasil a 1.ª Travessia do Atlântico Sul e que abrange (e com que justiça!) os feitos de Santos Dumont, o «Pai da Aviação» e então nesse momento deve haver sentido, como todos os portugueses, que existe essa dívida a pagar. Em Portugal, não há um

# CONVERSA AMENA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

sua, como utopistas e impenitentes sonhadores. Este argumento supostamente inabalável é uma das tais utopias de que se abusa para contrapor a rotina à ideia do progresso e da evolução da sociedade. Se o meu amigo me considera utopista, pela simples razão de eu me recusar a ver o quadro onde vivo como imutável, não terei razões suficientes para, do mesmo modo, reputá-lo também como utopista. Pois não pretende ele conservar um mundo, uma ordem de coisas, pois não considera ele o quadro em que se agita, vive, come, procria, como permanente, eterno; não poderei eu, baseando-me em inúmeros factos, na experiência histórica de milhões de anos, testemunhar-lhe o seu grande erro, a sua desvairada utopia. Claro, para as pessoas de robusto bom senso, é ingrato explicar-lhes o futuro, pela simples razão de não podermos fugir ao labéu de profetas e não evitarmos o ridículo aos olhos desses filisteus. Mas, o presente não conterà já uma grande parte do futuro? As grandes modificações que se têm operado na vida da sociedade demonstram-nos que o seu processo de formação se estende por largos anos e poucos se apercebem desse movimento. Assim, as pessoas que se dizem com os pés assentes na terra, os que se reclamam de todas as vantagens do bom senso, só perante o facto brusco, consumado, é que se resignam a aceitar os novos quadros da vida. Homens de maior responsabilidade, com uma visão mais aguda dos problemas, com um melhor conhecimento das realidades, coisas que o meu amigo está bem longe do possuir, cairam no mesmo erro. Aristóteles, que dominou todo o pensamento grego e que abarcou todos os ramos do conhecimento da sua época, não evitou afirmações que hoje se consideram verdadeiramente absurdas. Também ele acreditou que a instituição da escravatura, apesar da degradação a que reduzia a maior parte do seu povo, constituia um mal necessário e inevitável na sociedade humana, considerando-a como uma coisa legítima e natural.

Em todos os tempos os homens se preocuparam em erguer instituições temporais e transitórias à categoria de ordem natural. Bom senso ou tacanhez, o pensamento do homem encontra-se tolhido pelo quadro em que vivemos.

Aceitemos, pois, essa verdade, mas que não sirva para combatermos a força que existe em todo o homem, o desejo que tanto existe no individuo como na sociedade, de se aperfeiçoar, de progredir, um dos grandes motivos que testemunham a razão da nossa existência.

**Rodríguez Pena**

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da imprensa Algarvia.

monumento que glorifique os feitos aeronáuticos e tantos e tão brilhantes eles foram, contribuindo valiosamente para desbravar os caminhos que hoje sulcam as aeronaves comerciais!

Se somos de boas contas, paguemos esta dívida.

# OS ESCUTEIROS DESTA VILA

fazem-se representar em Londres no 100.º aniversário do nascimento de Baden Powell

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

pelo sol, pela lua, pelas estrelas e pelas árvores, sabe como transportar feridos e prestar-lhes os primeiros socorros em muitos casos, toma parte em mil jogos e brincadeiras próprios da sua idade e, antes de deitar-se, depois de um dia recheado de saudável exercício, colabora com as suas canções e anedotas no «Fogo do Conselho», fogueira tradicional nos acampamentos.

Na sede, estuda e aperfeiçoa-se, exercendo cargos como o de secretário, tesoureiro, arquivista, bibliotecário, guarda-material, etc., na Patrulha ou Grupo de que faz parte, que o divertem no presente e o habilitam para o futuro. Concluída a 2.ª classe, meta não muito difícil, que lhe dá uma ideia do que é e vale o Escutismo, a par de conhecimentos de ordem vária e sempre úteis, fica sendo a obtenção das «insígnias de capacidade» um dos principais atractivos para o escuteiro. Para as conseguir, assimila os nomes e as formas das principais espécies de árvores e flores, os nomes das aves e de outros animais, bem como os seus costumes, ou inicia-se em variados mestres à sua escolha, cujos rudimentos são sempre proveitosos na vida prática.

Incompleto ficaria este apontamento, que tão pouco diz do muito que há para dizer do Escutismo, se não incluísse os dez artigos da Lei pela qual o escuteiro se rege, e que bem nos mostra todo o valor moral de tão interessante doutrina:

1.º — O escuteiro é verdadeiro, a sua palavra é sagrada; 2.º — O escuteiro é leal; 3.º — O escuteiro é prestável e auxilia o seu semelhante; 4.º — O escuteiro é amigo de todos e todos os escuteiros são seus irmãos; 5.º — O escuteiro é cortês; 6.º — O escuteiro é bom para os animais e plantas; 7.º — O escuteiro é obediente e disciplinado; 8.º — O escuteiro é alegre e sorri perante as dificuldades; 9.º — O escuteiro é económico, sóbrio e respeitador do bem de outrem; 10.º — O escuteiro é puro no pensamento, nas palavras e nas acções.

Neste ano de 1957 comemoram-se simultaneamente o 100.º aniversário do nascimento de Baden Powell e o 50.º da primeira actividade escutista por este realizada. Em Sutton Park, na Inglaterra, reunem-se, de 1 a 12 de Agosto próximo, 40.000 rapazes, representando os sete milhões e meio de escuteiros espalhados pelo orbe, que na melhor camaradagem celebrarão o jubileu do movimento que os une.

A fim de tomar parte no «Jamboree do Jubileu», seguiu em 18 de corrente para Lisboa, tendo embarcado em 20 no paquete «Highland Monarch» com destino a Londres, o escuteiro do Grupo N.º 60, desta vila, dos Escuteiros de Portugal, sr. Manuel Gomes Godinho.

**GRANDES FESTEJOS NA CASA DO POVO DA LUZ DE TAVIRA**

Hoje, dia 28, promovido pelo Centro de Recreio Popular da Casa do Povo da Luz de Tavira, realizam-se importantes festejos, que terão início pelas 17 horas, com um tradicional Torneio de Malhas, para disputa de valiosos prémios.

A noite, no parque de diversões da Casa do Povo, terá lugar um animado baile, com a participação da orquestra «Euterpe» e a gentil colaboração da cançonetista da E. N. Maria Etelvina.

Tudo o recinto do baile será profusamente iluminado e ornamentado.

**Carreira de Autocarros entre Vila Real e Monte Gordo**

A exemplo dos anos anteriores, iniciou-se a carreira directa de camionetas entre Vila Real de Santo António e Monte Gordo, a qual se prolongará até 20 de Setembro.

O horário das partidas é o seguinte:

Partidas de Vila Real — 8,20, 9,00, 10,00, 12,15, 13,15, 18,15, 19,15, 21,30, 22,30 (\*) e 1,00 (\*\*).

Partidas de Monte Gordo — 8,35, 9,15, 10,30, 12,45, 13,45, 18,45, 20,30, 22,00 (\*\*), 00,00 e 2,15 (\*\*).

(\*) — Só se efectua em quintas-feiras, Sábados e domingos de 10 de Agosto a 20 de Setembro.

# O Grupo Desportivo «O CELEIRO»

venceu o Torneio Popular de Futebol

Perante um público numeroso e entusiasta, terminou no pretérito Domingo o Torneio Popular de Futebol de 1957.

Foi seu meritório vencedor a equipa do Grupo Desportivo «O Celeiro», que formou com o Beira-Mar o duo das equipas mais animosas e com mais fortes possibilidades até final.

O equilíbrio entre estas equipas deu ao Torneio grande dose de interesse, sendo necessário aguardar até ao último minuto para se conhecer o seu vencedor.

Assim, para o prélio de Domin-

Noia, Silva, José Pedro, Barradas e Nica.

Beira Mar — Trindade, J. Luís I, Ismael e Damião; José António e José Luís II; Domingos Araújo, Bartolomeu, Pávio e Lopes.

Devemos aplausos ao Celeiro, pela forma como lutou para alcançar mais este triunfo, que, embora não sendo de grande projecção, tem, para o nosso meio, relevante importância.

Trata-se de um Clube de modestos recursos, que muito tem lutado pela sua existência, a qual já conta largos anos, coincidindo



GRUPO DESPORTIVO «O CELEIRO»

go em que os dois se defrontaram, houve enorme expectativa, o que fez movimentar numerosos adeptos do jogo, principalmente de Monte Gordo, cujos habitantes não regateiam aplausos aos seus náveis representantes.

Apresentou-se o Celeiro como favorito, mas apenas porque o empate lhe bastaria para ser campeão, ao contrário do antagonista, que necessitava o triunfo.

O jogo perdeu em brilho o que ganhou em interesse, pois os jogadores acusaram a importância do momento, dada a sua pouca experiência em jogos decisivos, e o resultado de 0-0 traduz o nervosismo com que o jogo foi disputado e revela o equilíbrio das duas forças em despique, apesar de ambas terem desfrutado de ocasiões para inaugurar o marcador.

Terminando o jogo empatado, serviu o «goal-average» geral para decidir o campeão, pois o resultado da primeira volta foi também um empate.

Para este encontro, que foi muito bem dirigido pelo espanhol M. Barbary, as equipas alinharam: Celeiro — Belo, Raimundo, Rogério e Luís; Leal e José Luís;

esta vitória com a comemoração do seu 14.º aniversário, pelo que está duplamente parabéns.

Recordamos a sua valiosa contribuição para o futebol local e os elementos de maior nomeada que pelas suas fileiras têm passado, como os manos Cavéns, Reina, Aleixo e, ainda, o guardião Rita, actualmente no Sporting da Covilhã.

Ao Clube e a Alfredo Barreto, seu principal obreiro, os nossos parabéns e desejos de muitos êxitos desportivos.

Já sem interesse de maior para a classificação realizou-se, também, no passado domingo o encontro entre as equipas do Guadiana e do Hortaleense, que terminaram empatadas a duas bolas.

Hoje às 18 horas, realiza-se uma animada partida de futebol entre a equipa actual e os veteranos do grupo Desportivo «O Celeiro», durante a qual se efectuará a cerimónia da entrega da taça, que tão justamente conquistou no Torneio Popular de Futebol.

# TUT-ANK-AMON

Este rei trocou o culto de Aten pelo de Amon, o Deus de seus Maiores.

(Da história do Egipto)

**MORENO**, o peito largo, os olhos triunfantes, Tut-Ank, o faraó, de Amon a imagem viva, em Tebas, junto ao Nilo, junta a corte altiva, os guerreiros e o povo, em massas ondeantes,

Na colina que extrema os areais distantes, cai o sol e avermelha o Rio, que deriva plácido, aos pés do Rei; e toda a comitiva empunha clipeos de aço e lanças coruscantes.

Corta o silêncio morno o urro dos leões que em páreas lhe mandou o príncipe Rdibel e recolhem à jaula, a dois e dois atados.

Ao usado sinal, movem-se as multidões; e o Rei, quase divino, erecto em seu corcel, avança e fala assim às tribos e aos soldados:

— Ouvi! Não conto mais, nos deuses meus amigos, Aten, a quem ergui estátuas de ouro puro. Renego do seu culto e outra vez procuro a amizade de Amon, raiz dos meus Antigos.

Em Tebas ficarei, onde, feliz, sem perigos, nasci e me criei; e Amon, vos asseguro, esse, que outrora fez o Egipto forte e duro, há-de abater no pó a face aos inimigos.

Para os barcos de guerra, às praias do Levante, junto a Biblos, irei cortar o cedro ovante e pra lanças vos dar, às minas de Akkaron!

Moço e herói, como um Deus, quem me há-de resistir, quando convosco eu for a essa encantada Ofir buscar o ouro astral que hei-de oferecer a Amon?

CARDOSO MARTHA



## A RAINHA MENINA EM LONDRES

Pelo major SOUSA NUNES

A RAINHA Menina deixou as terras de Santa Cruz, em 5 de Julho de 1828, para vir educar-se na corte de seu avô, o imperador da Alemanha, Francisco II.

Acompanhava-a o marquês de Barbacena, o qual, chegando a Gibraltar, em 2 de Setembro, acabou de informar-se que D. Miguel se proclamara, em Lisboa, rei absoluto de Portugal, repudiando sua mulher, a rainha D. Maria II, então de dez anos de idade.

Com esta informação considerou o fidalgo não ser Viena de Austria a cidade mais recomendável a permanência da filha do Imperador do Brasil, e três pontos achou convenientes para desembarcar: voltar para o Brasil, ir para a ilha Terceira, fiel ao poder dos liberais, navegar para Inglaterra.

Optou pela capital inglesa e em 30 de Setembro estava em Portsmouth, onde se encontrava a grande massa de emigrados portugueses pobres, que receberam a sua rainha com uma enviada do Céu, com entusiásticas festas de arte, recitações de versos patrióticos e uma peça de teatro.

O quadro, porém, era de tal sorte desolador, que a rainha o mais que desejou foi ver o capitão do navio levantar âncoras para o porto de Londres, onde chegou no dia seis à noite.

No outro dia de manhã, quando Sua Majestade se preparava para sair, recebeu as visitas do Embaixador de Portugal, Duque de Palmela, e do seu secretário, um rapaz elegante, de estatura regular, pele trigueira e olhos verdes, uma fita de barba negra, que lhe unia os dois globos das orelhas, passando-lhe por baixo do queixo.

Não foi preciso citar-lhe o nome, porque já o sabia por informações: João Baptista Leitão de Almeida Garrett era um dos portugueses mais falado na Europa Ocidental pela excelência dos seus versos, a estética da sua pessoa física, o arrojo da sua política avançada num fidalgo de raça, o efeito arrebatador da sua oratória.

Faziam-lhes companhia a esposa do duque e a sua filha Eugénia, de 16 anos de idade. A extrema cortesia do poeta continuou a impressionar de tal sorte a Rainha Menina que durante instantes não encontrou outra pessoa nem outra coisa que ocupasse o seu espírito nem os seus olhos.

As primeiras palavras do embaixador, depois dos cumprimentos de estilo, foram o pedido de chegar a rainha à amurada do navio, para receber as saudações dos emigrados, ali reunidos para a aclamar.

Recordando-se repentinamente dos andrajosos de que vinha fugida, esboçou um gesto de escapar-se por outro lado, ou esconder-se no porão. A consciência da sua responsabilidade impeliu-a para o cumprimento de um dever tão sagrado como acolher agradecidamente os seus súbditos tão dedicados.

Mal mostrou o seu gracioso talhe, uma grandiosa salva de palmas irrompeu do cais, acompanhada de frenéticos vivas, que levavam jeito de nunca mais acabar. Quando percebeu que o povo que a aclamava tão entusiasmadamente tinha aspecto de uma camada rica, juntou às dezes as suas efusões mais afectuosas.

O desembarque realizou-se a seguir, por entre estrepitosas aclamações e um festivo cortejo fez-lhe a honra até ao hotel Grillon, no qual ia hospedar-se, enquanto se não concluíam as obras no palácio que lhe alugara Palmela, junto ao seu, quase no campo.

Neste hotel deu recepção a todos os seus partidários e durante as expansões patrióticas que se seguiram, conservou-se Garrett distante, a escrever muito à pressa. Ela nunca o perdia de vista, e, depois de ter conversado com toda a gente, fez-lhe um sinal de se aproximar e perguntou-lhe:

— Que está o senhor meu poeta a escrever?

— Uns modestos apontamentos desta augusta cerimónia, a mais solene que nunca algum rei de Portugal celebrou, senhora minha.

— Então são coisas muito sérias. Cuidei que fosse um romance, como se escreveram no tempo de Bernardim Ribeiro.

— Pensei nisso, majestade, e aqui mesmo na Inglaterra não me canso de procurar heroínas.

— Você tudo que faz ou pensa fazer é bem feito e bem pensa-

do. Numa coisa só não estou de acordo.

— V. Majestade dirá para eu me corrigir.

— E' tratar-me por rainha, devendo saber que o já não sou, nem voltarei a sê-lo.

— Enquanto eu for vivo e Vossa Majestade, não haverá outra rainha em Portugal.

— Muito obrigada, meu poeta. Considere-me apenas princesa do Brasil. Rainha, saí da minha pátria para a corte de meu avô, no intuito de me instruir. No caminho soube que já o não era e procurei a Nação Inglesa. Nela espero receber um grau de cultura semelhante à das fidalgas de Portugal no tempo do grande rei D. Manuel. Quer ajudar-me, príncipe dos poetas latinos?

— Em tudo que se julgue estar ao alcance dos meus recursos. Diga-me V. Majestade por onde devo começar.

— Comece por escrever o que deve estudar uma princesa para ser culta.

— Hoje começarei.

— Amanhã. Hoje é feriado e eu preciso de continuar a dar atenção aos meus pseudo-súbditos tão amáveis.

Garrett saiu do hotel a pensar no que fora incumbido pela rainha, e no outro dia de manhã, ainda dava voltas à massa encéfálica, como o havia de cumprir, quando lhe foram dizer que a rainha estava presente.

À pressa foi-lhe beijar a linda mão e ficar ao seu serviço.

— Ainda se lembra do que eu lhe disse ontem ao despedirmo-nos?

Garrett mostrou-lhe um caderno, em cuja capa estava escrita a frase — «Tratado de Educação de uma princesa».

Ela soltou uma exclamação alegre, tomou o caderno, leu o título e fez algumas perguntas.

— Que faço eu nos intervalos dos meus estudos que também me eduque?

— A senhora Embaixatriz e as suas meninas bordam a ouro uma bandeira de seda para o heróico Batalhão de Caçadores 5.

— Belo, eu quero tomar parte da empresa. Sabe que espero muito em breve de ser apresentada a Suas Majestades britânicas e não sei nada de inglês.

— Até esse dia, não se fala outra língua na embaixada e no hotel Grillon, ou noutra morada onde Vossa Majestade viver.

A recepção pelos reis de Inglaterra teve lugar no dia 22 de Dezembro, da filha do Imperador D. Pedro I do Brasil, com o primeiro ministro Wellington presente para que ninguém se descuidasse a chamar-lhe rainha.

Por S. João do ano seguinte, 1829, chegaram mesmo a correr dois boatos muito desagradáveis em Londres. A república liberal da América do Norte ia reconhecer D. Miguel rei absoluto de Portugal, seguida do papa e da Espanha. A Rainha Menina não poderia permanecer em Inglaterra; o Imperador do Brasil ia casar com uma linda princesa alemã, de 16 anos de idade.

O casamento efectuou-se por procuração, em 31 de Julho, e a Imperatriz veio juntar-se à enteada, em Londres, e embarcaram na nau «Imperatriz», em 28 de Agosto, para o Brasil.

A Rainha Menina viveu um ano em Londres, onde Garrett dirigiu o seu gosto, no vestir, no arranjo do seu lar, de modo que antes ou depois dela não houve em Portugal ou no Brasil uma senhora que vestisse tão graciosamente, que fosse mais simpática nem que reunisse mobílias mais ricas nem mais elegantes.

## AVENIDA DA REPÚBLICA

Com ritmo acelerado, prosseguem os trabalhos de calcetamento dos passeios da Avenida da República e ajardinamento das placas, pelo que nos leva a supor que igualmente beneficiarão de passeios e ajardinamento as placas mais ao norte, em seguimento destas.

Não seria possível fazer o prolongamento da iluminação até ao final da Avenida, dando assim maior perspectiva aos visitantes, que bastante a admiram?

Igualmente chamamos a atenção de quem de direito para a falta de luz no começo e ao longo da estrada para a Praia de Sto. António, pois a iluminação existente apenas chega ao extremo poente da Fábrica de Anchoas do sr. José António Rita.

Visado pela Comissão de Censura



## CRONICAS IRREQUIETAS

XII

### Modas & Figuras

A grande moda de desportos náuticos, nesta época, é a dos banhos forçados. Está a utilizar-se em todas as estâncias balneares do nosso País.

No domingo passado, na Praia de Monte Gordo, já se utilizou esta modalidade e, segundo cremos, com satisfatórios resultados... Nem a toalha escapou; depois, teve que ser... pescada.

### Máxima

Se o Mundo andasse direito, haveria mais meninas com a cabeça... à roda.

Dizia há dias uma jovem, com ares altaneiros:

— Os meus namoros têm sempre uma grande superioridade; quando comecei a namorar com o Zé, lançaram os ingleses a bomba de hidrogénio...

— Pois é, retorquiu a outra, uma desgraça nunca vem só...

Sabe-se que eles gostam, mas que é a brincar...

Até chora para andar de... Express.

Sabiam que há quem lhes chame... Crónicas... Indiscretas?

Assim como os campeões desportivos lutam pela supremacia das suas conquistas, o mesmo sucede por esse mundo fora com as raparigas.

Esta passou-se num banco do jardim da Avenida da República, onde uma menina recordava, a outra, um passeio que dera, nesse mesmo dia, com um rapaz de fora:

— Nem queiras saber como ele é maravilhoso, mas é tão ingénua que até me confesso que ainda não tinha beijado mulher alguma!

— Gostava de o conhecer...

— ...agora já é tarde...

### Gostariamos de saber

Se o louro tem chorado, com saudades da... morena...

Se em vez de pinguins não se deveria ler arreltas!

...Com que então...?

### Ditos & Mexericos

Pensa-se erguer um busto a uma certa menina que, desde o Inverno (época de defeso) até ao Verão, tem continuado com o mesmo namorado.

Oxalá sirva de exemplo...

Diz-se que certo rapaz muito sossegado anda agora a armar-se em D. Juan atrevido.

### De vez em quando...

## ALGUMA COISA NOS FALTA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

e de que não paga renda, acentue-se.

A que vem esta descrição? E' que a construção de todo este conjunto — sociedade, edificio escolar e parque, foi feita a expensas da população do lugar, que nem sede de freguesia é.

Pergunto aos que me lêem, se alguém houver tão ocioso que malbarate o seu tempo, onde é que nas nossas redondezas se topa com exemplo semelhante?

Já depois de lá ter regressado dos nos jornais com a notícia de que naquela mesma povoação, Porto Salvo, dez indivíduos se constituíram em sociedade para construir casas para sua moradia, tomando o compromisso de que se no decorrer da obra algum falecer os outros a continuarão sem agravo para a família do falecido. São os sócios órfãos oito operários da construção civil, um motorista da C. U. F. e um empregado de escritório. A mão de obra é deles e as restantes despesas são seu encargo. Não há capitalistas a subsidiar a obra para arrecadar depois os juros. Ninguém engorda a vaca para a ordenhar.

Há a compreensão de um grupo de homens humildes que

Lá diz o ditado: De traz de um lagarto... salta uma pedra.

Consta que com o aparecimento de algumas veraneantes, vários rapazes ficaram em pendentes para... contas a ajustar.

Diz-se que certas meninas já estão fazendo os planos para as conquistas a efectuar na Praia de Monte Gordo.

Estas operações terão por título «As Grandes Manobras»...

Custa-nos ouvir certas meninas censurarem as Crónicas, quando elas dayam para um verdadeiro... folhetim.

### Horário de Férias

Para todos os estudantes em férias, maiores de 16 anos:

Todos os dias: das 10 às 15 horas — Praia; notas explicativas sobre natação em seco, seguidas de banho de sol com flirt à mistura, para melhor se queimarem.

Das 15 às 15,15, compasso de espera para apanhar um trem ou uma camioneta.

Na parte da tarde: Balanço do dia. Ver em que ponto vai o flirt (nada de compromissos, pois pode aparecer alguma melhor).

Note bem: Estas aulas vão até 31 de Julho. De Agosto em diante, bailes no Casino, com práticas de Rock and Roll e de Blues, com a divisa: Catch as catch can...

### Pergunta ao intelectual:

Já leste alguma coisa sobre a Lenda de Safo?

— Não, mas já cheirei.

— Sim... então não é inconfundível o cheiro... Safo... inico?

### Hora de Poesia

Em tempos que já lá vão (Muito antigos talvez não), Havia uma jovem formosa A quem aos homens fazia prosa.

Quando havia sinal de rapaz, Andando ou fugindo era capaz, De aparecer esbaforada, Pra arranjar homem pra toda a vida.

Louro, moreno, velho ou novo, Tudo servia para namorar, Nenhum servia de estorvo, Queria alguém com quem casar.

O tempo passou, Cupido fugiu. Ninguém com ela quer namorar, De todos que possuía Nenhum quer mais voltar.

Ei-la agora só e rabujenta, Quando passeia nada a contenta, Diz das outras, ao vê-las passar: «Elas só querem, só pensam em [namorar].»

### Os 2 Repórteres e um Fotógrafo

Assina e propaga "Noticias do Algarve"

## CONDIÇÕES DO TURISMO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

ro, construção de pousadas, regulamentação e fiscalização de hotéis, preparação de pessoal, etc., são documentos de uma política de turismo bem dirigido e com os seus objectivos.

Nem tudo está feito. Mas o progresso é visível. E o que se impõe, agora, é que todos colaborem no aperfeiçoamento da obra. A indústria hoteleira não pode ser apenas um meio de fazer lucros ou aumentar dividendos: é indispensável que ela melhore os seus serviços para que os estrangeiros levem boa recordação deste País. E as autoridades e os particulares devem esforçar-se na correção de alguns defeitos susceptíveis de impressionar mal quem nos visita. A mendicidade tem de ser reprimida com humanidade. E o pé descalço, quando re-

sultante de miséria, tem de ser evitado. Só nas praias, só entre os pescadores se justifica. O respeito pelas regras de trânsito é também indispensável.

De nada valem as nossas belezas naturais e a fama de tranquilidade de que goza o nosso País, se não valorizarmos as nossas condições turísticas com o apuro e a ordem na vida de todos os dias.

J. de Ayala Monteiro

## COLABORE NA D. C. T.

Compreenda a D. C. T., aprendendo os conhecimentos que ela divulga.

A tiragem e a expansão de «Noticias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segura garantia dum útil e proveitosa publicidade.

## VILA NOVA DE CAGELA

e as suas legítimas e justas aspirações

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

dono possível, completamente repleta de covas. Na quadra presente, a passagem de qualquer veículo levanta montanhas de poeira e, no inverno, as chuvas cobrem todos os buracos de água e lama, formando verdadeiras armadilhas para quem a tem de utilizar, principalmente a Moagem Cagelense, que se vê, muitas vezes, em sérios embaraços para fazer sair os seus produtos nos camiões que vão tomar ou deixar carga.

No seu prolongamento, esta estrada liga Vila Nova de Cagela com a encantadora praia da Manta Rota, numa sucessão de covas e poeira que tornam receosa qualquer iniciativa de passeio lento e calmo, respirando o ar fresco e visitando as hortas vizinhas.

O abandono a que está votada esta via, de grande movimento durante todo o ano, e ainda mais intenso durante a época balnear, não se justifica, impondo-se a sua reparação urgente, a fim de evitar os inúmeros prejuízos que vem causando aos habitantes e ao ressurgimento da Praia da Manta Rota. Espera-se que as autoridades que superintendem neste assunto tomem as medidas necessárias, para que o seu arranjo seja, dentro de pouco tempo, um facto, e possa dar o devido valor àquela progressiva freguesia.

A Junta de Turismo, a que preside o sr. Hilderico do Nascimento Pires, devotado amigo da sua terra e que bastante tem pugnado para que muitas obras cheguem a seu termo, elaborou este ano um vasto programa de melhorias para o Casino da Manta Rota, esperando também do Município o auxílio necessário para levar a cabo muitas outras obras que são precisas no mesmo edificio.

O alegre Casino, que se ergue no meio da areia reluzente da Praia, tornar-se-á este ano mais acolhedor para todos os veraneantes, que nas horas da sesta procuram as suas frescas salas e esplanada para um repouso completo, depois de uma excitante e divertida manhã de praia.

Assim, o Casino terá, este ano, água corrente, vinda directamente de um depósito de 1.000 litros, que será colocado no cimo do edificio. Possuirá também uma rede de esgotos, cuja conclusão está prevista para o próximo ano.

Desde a esplanada até à fila policromada de toldos, que se erguem em linhas paralelas a poucos metros da água, foram colocadas passadeiras de madeira, numa extensão de 140 metros.

No Casino serão colocadas cadeiras metálicas de variadas cores e de aspecto moderno. O pavimento será todo assoalhado e a sala de baile levará o piso em tacos de madeira.

Para que esta risonha vila disfrute do progresso a que tem direito, desejam todos os seus habitantes que os poderes públicos mostrem a devida compreensão pelas suas mais urgentes necessidades.

A. de Mendonça

sultante de miséria, tem de ser evitado. Só nas praias, só entre os pescadores se justifica. O respeito pelas regras de trânsito é também indispensável.

De nada valem as nossas belezas naturais e a fama de tranquilidade de que goza o nosso País, se não valorizarmos as nossas condições turísticas com o apuro e a ordem na vida de todos os dias.

J. de Ayala Monteiro

## COLABORE NA D. C. T.

Compreenda a D. C. T., aprendendo os conhecimentos que ela divulga.

A tiragem e a expansão de «Noticias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segura garantia dum útil e proveitosa publicidade.

## CHÁVENAS DE CAFÉ

QUASE AMARGO

Pelo Dr. CRUZ MALPIQUE

## EDUCAR

Educar, segundo o étimo latino (e-ducare), é conduzir de um estado a outro. Mas há, aqui, evidentemente, um distinguo a fazer: a condução tem de ser de um estado inferior a um estado superior.

O inverso não é educar — mas deseducar.

Confirma, porventura, a experiência que o homem seja susceptível de transitar de um estado inferior para um estado superior? Mas sem dúvida. Embora a educação não consiga o milagre de transformar patos marcos em águias, consegue, pelo menos, corrigir, um pouco, as corcoas somáticas e espirituais do homem, e fazer de diamantes brutos diamantes lapidados. Não consegue tanto como se acreditou nos tempos de certo romantismo pedagógico. Não é panacea, isso não. Mas, mesmo não conseguindo meter o rosário das nossas ambições de melhoria humana na betesga das nossas insuficiências estruturais, merece que lhe aperfeiçoemos os processos de elevação do homem. Com o pretexto de que ela não nos pode dar o óptimo, não desprezemos o bom ou o sofrível que, por sua via, conseguimos.

## CONSCIENTE E INCONSCIENTE

Foi Gustavo Le Bon quem nos seguintes termos definiu a educação: «arte de fazer passar o consciente ao inconsciente».

Arte de formar automáticos, dirá o leitor, torcendo o nariz, peforatamente. Mude de cara, e considere que a nossa educação é, realmente, e em sua maior parte, feita de automatismos, porque é essencialmente feita de hábitos. Hábito é o comer, hábito o andar, hábito o ler, o escrever, o pensar, o andar de bicicleta ou escrever à máquina... Seria um nunca mais acabar, se quiséssemos enumerar os nossos hábitos. Mas adquirimos hábitos, para quê? Para pouparmos energias, para ganharmos tempo, uma vez que o hábito adquirido permite menor esforço e maior rapidez nos nossos actos. Esse tempo e essa energia sobranterão ser aproveitados para conquista doutras melhorias.

Como disse Alfredo Binet, «deveremos utilizar o inconsciente para permitir que o consciente dê todo o seu rendimento».

Óptimo e inconsciente, se de feiziernos trampolim para saltos na lonjura e profundidade do consciente.

## RAPAZ E RAPARIGA

Aos quinze anos, uma rapariga já está muito próxima da mulher. Com a mesma idade, um rapaz ainda não está muito distante do menino.